

Sumário

Prefácio	7
Introdução	11
Do mergulho na lâmina do microscópio ao léxico da inclusão	17
O chão da escola	37
Teias de convivência	42
Porosidades e fluxos.....	46
A inclusão e seus antípodas.....	50
Deficiências, diferenças, diversidades	57
Brevíssima referência à neurodiversidade	64
Autonomia contra inclusão.....	73
A aproximação entre os temas deficiências e diversidades: preliminares.....	79

Perspectivas que têm elaborado criticamente a questão	82
No âmbito da pesquisa educacional em São Paulo	87
Na cidade que é um mundo	90
Registros de pesquisa	94
A escola como direito estratégico na percepção de famílias bolivianas	98
A variação haitiana	102
Considerações que não são finais	109
Referências	112
Sobre o autor	127

Prefácio

Mônica Rahme

Faculdade de Educação
Universidade Federal de Minas Gerais

No livro *Deficiências e diversidades: educação inclusiva e o chão da escola*, Marcos Cezar de Freitas compartilha conosco, de modo original e bem fundamentado, contribuições relevantes sobre a proposição de uma educação inclusiva e seus efeitos na construção de perspectivas sobre a diferença na sociedade atual. Texto escrito com o cuidado de quem mapeia o território, planeja passo a passo sua imersão, percorre, escuta com atenção as palavras que compõem as interações sociais e as deixa decantar. As marcas da etnografia se fazem presentes nos quinze capítulos da sua produção, na inquietação que acompanha a aproximação do autor em relação aos sujeitos e às instituições, nas interrogações produzidas diante da constatação de certas direções adotadas na produção científica e nos espaços institucionais. Nos registros e análises sistematizados, Marcos problematiza as nomeações da diferença nos nossos dias, as formas como se vincula educação especial e educação inclusiva no contexto brasileiro, as questões que emergem do chão da escola e que expressam tanto a possibilidade do novo, quanto a evidência de sua repetição.

A escrita deste prefácio se inspira na densidade dos quatro elementos citados no título do livro e no reconhecimento do quanto esta publicação contribui para se discutir a diferença na escola atual, em suas múltiplas manifestações.

Se o título do livro referencia-se primeiramente na palavra *deficiências*, no plural, podemos indicar que essa pluralidade parece extrair das *diversidades*, significante que se coloca ao lado, algo que o autor nomeia como o todos “na escola (em) comum”. Como se a diversidade nos lembrasse que as crianças e jovens com deficiência são sujeitos que guardam outras características, geralmente ofuscadas ou pouco identificadas em função do estigma secularmente amalgamado aos seus corpos. Lado a lado, as duas palavras também nos recordam das outras diferenças que compõem o chão da escola e que podem ser invisibilizadas, como a questão da nacionalidade/origem, raça, sexualidade, gênero, dentre outras. Aí estaria o sentido mais genuíno da Educação Inclusiva.

É preciso considerar, ainda, que a diversidade se traduz por uma polissemia de concepções, o que requer um movimento de elaboração em torno do que se nomeia como diferença e diversidade. Essas palavras podem incorporar sentidos e significados meramente retóricos, organicistas e evolucionistas, como reflete o autor, simplificando ou objetivando em demasia aspectos que não demandariam certezas. Marcos contrapõe essa perspectiva de leitura do humano, trazendo para o centro da sua narrativa a imprevisibilidade, os efeitos do contexto e do ambiente, as marcas da diversidade cultural e de outras dimensões que escapam à condição unicamente biológica. Nesse âmbito, é fundamental destacar a riqueza e profundidade da discussão sobre a “cerebrização” dos humanos, assim como de uma associação comumente estabelecida entre a dimensão neurológica e a diversidade, como se a origem da diferença daí emergisse e desse ponto devesse ser respondida.

Mantendo como eixo central a busca por uma argumentação em torno da Educação Inclusiva que não a reduza ao campo da Educação Especial e que não minimize a sua amplitude, o autor subverte a lógica segundo a qual se deveria nomear os alunos com deficiência diretamente vinculados à educação especializada, argumentando o quanto se deve reconhecer sua interseccionalidade, já que se trata de sujeitos atravessados por outras dimensões como gênero, sexualidade, etnia, raça e condição socioeconômica. Nesse sentido, alerta-nos o autor: o que a “Educação Inclusiva tem a acrescentar à Educação Especial” é aquilo “que deborda das intersecções que confirmam que nem a deficiência, nem o adoecimento crônico, podem ser reduzidos exclusivamente à dimensão orgânica de cada pessoa”. O sentido mais amplo da inclusão encontra-se, assim, no reconhecimento da pluralidade de corpos, das diferentes formas de ser, aprender, viver, e isso desafia a coletividade. Se esse pressuposto comparece ao longo da escrita do livro, ele se materializa mais frontalmente nos capítulos que abordam a vivência escolar de crianças migrantes estrangeiras pobres, de origem boliviana e haitiana, que incorporam diferenças culturais e colocam em cena a hipótese da deficiência.

O chão da escola é, como ressalta o autor, a “categoria que diz respeito à contribuição da Antropologia para a Educação”. A quarta expressão que compõe o título do livro remete-nos, desse modo, às diversas dimensões que perfazem a escolarização, como “uma espécie de usina de reelaboração simbólica”. O que o chão da escola permite conhecer é bem mais do que prevemos ou do que comumente se verbaliza, pois demanda a delicadeza da observação sensível, da escuta atenta e da desconstrução de princípios binários e resistentes ao contraditório que, como destacamos acima, são características que particularizam as contribuições deste livro.

Para construir esse percurso e pautar essas questões, Marcos estabelece um diálogo profícuo com pensadores das Ciências Sociais,

Filosofia, História, dentre outros, e nos possibilita o encontro com uma diversidade de perspectivas de análise, muitas delas pouco presentes nos trabalhos que abordam a educação escolar de estudantes com deficiência. Esse debate menos convencional favorece a emergência de perguntas também menos frequentes na literatura da área, tornando a proposta do livro ainda mais original e instigante. Além disso, a busca pela precisão dos conceitos e sua clarificação, por meio das polissemias e antagonismos, é uma preocupação constante do autor, refletida na sua escrita, que amplia as possibilidades de análise e reflexão crítica.

Se a literatura especializada é menos presente na publicação, referências a documentos internacionais e nacionais, como a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (2006) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), fazem parte das análises compartilhadas no livro, com suas especificidades e complexidades.

Dentre os desafios mais pungentes para a construção cotidiana de uma educação inclusiva, como articulado por Marcos, destaco a busca pela interdependência, em contraposição à meta do produtivismo e da autonomia, tão celebrados em nossa sociedade atual. O reconhecimento da alteridade, da pluralidade de corpos e de suas múltiplas formas de ser não comporta a exigência da padronização e a busca da autonomia como eixo que orienta as práticas formativas. Ao contrário, evidencia os seus limites e seu esvaziamento diante da vulnerabilidade humana, cada dia mais condicionada às disputas estabelecidas nas esferas do poder e às condições impostas à vida.

A partir da abordagem desses diferentes aspectos, é possível afirmar o quanto a leitura deste livro enriquece o nosso olhar em relação às diferenças e às concepções em torno de uma educação inclusiva, e nos convida a nos movimentarmos em relação ao outro e ao instituído, apostando em práticas que possam inaugurar o instituinte, por meio de outros posicionamentos e percepções.

Introdução

Em 2003, na França, Christian Laval publicou um livro cujo título é um exemplo singular de clareza e objetividade: *A escola não é uma empresa* (Laval, 2003). A obra também foi publicada no Brasil, com acréscimos do autor, em 2019 (Laval, 2019), e tem cumprido, desde seu lançamento, papel importantíssimo na disseminação de argumentos críticos contra a redução da Educação pública à lógica empresarial e seus parâmetros de eficiência. Esses parâmetros, quando vistos de perto, se mostram vetores de um produtivismo destrutivo, produtivismo esse que se apropria e refaz o sentido de palavras que em passado próximo expressavam nossas expectativas de elaborar um (con)viver sem tantas assimetrias sociais. Como exemplo, posso citar a apropriação da palavra autonomia, que, nos modos recentes de usá-la, tem expressado mais as impossibilidades que as possibilidades da Inclusão.

A escola, de fato, não é uma empresa, e associá-la à perspectiva desse produtivismo que procura suscitar um empreendedor em cada estudante desmancha continuamente os esforços para configurar uma Educação Inclusiva (Freitas, 2018). E se tem sido necessário reafirmar que a escola não é uma empresa, também tem sido necessário afirmar que Educação Inclusiva não é simplesmente um método para dar autonomia às crianças com deficiência.

Dois fatores foram decisivos para que eu decidisse publicar este livro, cujo conteúdo se vale de achados de pesquisas diretamente vinculadas ao tema Educação Inclusiva.

O primeiro fator se apresentou em decorrência de uma constatação. Estou convencido de que a palavra Inclusão é permanentemente usada, mas são poucos os esforços para elucidar o que se entende por Inclusão e seus domínios conexos, como Educação Inclusiva. Nos capítulos a seguir, indicarei como, em minha opinião, estamos usando Inclusão e Educação Inclusiva com o sentido de acesso e acessibilidade, como se expressar acesso ou acessibilidade já fosse suficiente para descrever a complexidade da permanência e da convivência escolar com a pessoa que enseja constantemente o uso de palavras como diferente e diferença.

O segundo fator é de ordem contextual. Este livro foi escrito no contexto desafiador que se configurou na experiência de confinamento que a pandemia de covid-19 impôs.

A escola foi desafiada a não perder a conexão com seus alunos e, num conjunto imenso de exemplos que relatam dificuldades enfrentadas, foi possível recolher mais uma vez referências às crianças com deficiência mencionadas como se fossem ora “obstáculos”, ora mercedores de estratégias “à parte”.

Nosso país ostenta histórico e contínuo esforço para apresentar estratégias de segregação, confinamento, apartação como se fossem sinônimos de educação, proteção e cuidado (Freitas, 2016; Rizzini, 2005). E no contexto sombrio da pandemia, pareceu-me oportuno e necessário persistir na reflexão sobre Educação Inclusiva num cenário em que o confinamento, pelo menos por um período de tempo, demarcou o território de escolarização de todos os estudantes.

Embora o contexto pandêmico tenha suscitado a intenção de escrever, este livro não quer responder às questões trazidas neste momento catastrófico em que o alastramento de um agente mortal

deu-se de modo combinado com o alastramento de argumentos obscurantistas. Morte e obscurantismo, este multiplicando aquela.

A discussão que este livro enseja já estava posta e ganhou mais uma camada de complexidade nos dias que seguem. Tornou-se possível discutir a reelaboração permanente que deficiências e diversidades recebem no chão da escola, com base na minha intenção de elaborar uma crítica à redução da Educação Inclusiva aos pressupostos do acesso e da acessibilidade. Já era possível levar a efeito essa análise, e o cenário atual proporcionou escrever.

O conteúdo deste livro compartilha achados de pesquisas que faço já há alguns anos, algumas finalizadas e outras em andamento e com processo aberto de sistematização de resultados. Todas dizem respeito, de modo geral, ao tema Educação Inclusiva.

Essas pesquisas têm sido financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o CNPq, e duas delas especificamente permitiram observar de perto situações que possibilitaram reunir exemplos que servem de base para a análise que este livro apresenta.

As duas pesquisas a que me refiro são *De diagnósticos e prognósticos: crianças com experiências de escolarização em processos de isolamento*¹ e *Educação inclusiva: conexões entre diversidades, deficiências e migrações*², esta ainda em andamento.

São duas pesquisas cujos cadernos de campo utilizados para recolher informações têm registros de cenas e de personagens acompanhadas de perto, com base num modo de pesquisar típico das etnografias. Por isso, os capítulos a seguir têm muitas palavras entre aspas, porque indicam falas recolhidas no trabalho de campo, muitas vezes em situações nas quais alguém reagia à presença de uma criança permanentemente descrita com representações da diferença.

1. Processo CNPq 305683/2016.

2. Processo CNPq 305634/2019.

O que essas pesquisas mais recentes ensinaram somou-se à experiência com projetos que há duas décadas são desenvolvidos no e com o “chão da escola”, categoria de análise que será pormenorizada adiante. E são projetos desenvolvidos nesse complexo e desafiador universo porque fazem parte de um programa de investigações relacionado à escolarização de crianças com deficiência ou cronicamente enfermas que está abrigado no projeto institucional EDUCINEP: Educação Inclusiva na Escola Pública, também certificado há muitos anos no CNPq.

O EDUCINEP agrega a Plataforma de Saberes Inclusivos e o Laboratório de Pesquisa e Escuta do Atendimento Educacional Especializado (LAPEAEE), no âmbito da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH-Unifesp), com a participação de estudantes da graduação e da pós-graduação e a visita permanente de professores das redes públicas de ensino com as quais a Unifesp interage.

Em meu trabalho, continuamente dialogo com professores/as da Educação Básica, e a fortuna pedagógica que essa experiência contínua de troca favorece acumular permite participar de discussões em que docentes detalhadamente expõem as percepções que têm a respeito do tema Educação Inclusiva.

Educação Inclusiva, como será exposto, na maior parte do tempo é tratada como sinônimo de Educação Especial. Quando mencionada, a Educação Inclusiva alude a um “público-alvo” e muitas vezes é lembrada como se fosse um recurso descritivo para abordar a situação das chamadas “crianças de inclusão”, esta uma referência que deteriora a identidade e estigmatiza quem é apontado.

Como perspectiva analítica e síntese de propostas, a Educação Inclusiva não se restringe à questão das deficiências. Mas o cotidiano tem oferecido exemplos que interligam falas de personagens da escola e das famílias. Nessas conexões nunca consegui registrar

uma manifestação que não apresentasse em primeiro plano a palavra deficiência para definir o conteúdo e a razão de ser da Educação Inclusiva no universo da Educação Básica.

Assim, a reposição cotidiana do “sentido de inclusão” diz respeito à formulação como categoria nativa que se deixa escutar quando a dualidade “com autonomia” *versus* “sem autonomia” é articulada para explicar a desafiadora presença da pessoa com deficiência.

Presença e permanência são categorias decisivas para pensar Educação Inclusiva.

No contexto da pandemia de covid-19, a percepção geral de que somos todos vulneráveis e interdependentes pode ensejar (espero) uma crítica ao modo como usamos a palavra autonomia. Nós a utilizamos como se fosse expressão natural do sujeito que a escola deve elaborar, o indivíduo “que não depende”. Do modo como fazemos, autônomo é representação do homem produtivo, do *Homo oeconomicus*.

Este livro apresenta uma breve reflexão a respeito dos modos de usar a palavra autonomia na educação escolar. Mas faz essa breve reflexão lembrando que as palavras deficiência e diversidade muitas vezes se conectam e essas conexões são fundamentais para analisar a Educação Inclusiva no chão da escola, sem prendê-la numa redoma de sentido, pois o chão da escola é uma espécie de usina de reelaboração simbólica.

Deficiências e diversidades são palavras permanentemente tocadas, afetadas, pelas expectativas de que o outro se comporte “com autonomia”. E essas expectativas proporcionam investigar o cotidiano escolar vislumbrando cenários deficientizadores, ou seja, usando categorias de análise que buscam compreender como cada qual se torna a personagem que encontramos e, concretamente, vive a experiência de estar presente com “sua diferença”, o que muitas vezes significa ser tratado como se estivesse presente “apesar de sua diferença”.

Que as páginas a seguir favoreçam recuperar o sentido primeiro de Educação Inclusiva que é um modo de olhar o todo, de trabalhar com todos, na mesma escola, na escola (em) comum.

Escrevi este livro mergulhado na convicção de que convivência é a palavra-chave do projeto que pode conectar a escola com o dia claro que haverá de sair desta noite escura em que estamos.

Educar sem segregações, sem apartar diferenças, sem evitar diferentes. Reconhecer a complexidade desse desafio sem reducionismos biológicos, econômicos, sem obscurantismos e com abertura ao diálogo, à escuta.

Ainda é necessário detalhar o que queremos quando escrevemos, falamos, defendemos Educação Inclusiva. Ainda se faz necessário explicar, com delicadeza, o que entendemos por Inclusão. As páginas a seguir tratam um pouco disso.

Escrevi este livro com muita saudade do alarido das escolas, das revoadas de crianças (sempre aladas). Saudades também do ir e vir que sempre caracterizou minha vida de professor/pesquisador, do andar nas periferias, nas “quebradas”. Sinto saudades do convívio em sala de aula com jovens que adentraram a Universidade Pública que, como disse um dia Darcy Ribeiro, andou “se pintando de povo”.

Terminei a escrita deste livro com o coração trincado pela partida de José Xavier Cortez. Desde 1995 conversamos incessantemente sobre a vida, sobre crianças, sobre livros, sobre um mundo sem fome. Continuaremos conversando, sem cessar. Continuaremos.

Em Conceição do Jaguarí.

Primavera de 2021.